

## **Enfrentando a guerra, de novo e com firmeza: Não em nosso nome! ... e propomos um caminho compartilhado**

Na Colômbia, já deveríamos saber que nós construímos a paz coletivamente ou eles nos afundam em uma espiral de destruição, dor e morte. Eles perpetuam essa guerra como se eles precisassem para continuar nos negando e acumulando lucro. A partir dessa certeza, nos pronunciamos contra as declarações lidas por Iván Márquez em nome das FARC-EP e suas reações e conseqüências. Dizemos: Não ao guerra em nosso nome e convocamos: Porque não é suficiente, é inútil.

Publicamos esse pronunciamento com urgência desde as primeiras adesões, porque aspiramos que a posição que ele coloca convida, provoca e convida abertamente aqueles que desejam aderir - palavra e ação - porque compartilham e se comprometem com seu senso fundamental de resistência, rebeldia e luta. O espírito que o inspira é o da construção ampla e coletiva em todos os campos possíveis. Portanto, não se trata de coletar assinaturas, mas aspiramos a contribuir para inspirar e apoiar os esforços voltados para a organização e a ação. Do sentido plantado aqui e do horizonte proposto, um Mutirão de Mutirões deve ser a tarefa coletiva pela paz, pela rebeldia, pela dignidade e resistência e superação de uma ordem injusta e intolerável que nos inspira a nos rebelar, organizar e realizar com nosso esforço um país de povos sem proprietários. Um país em paz. Finalmente nosso país.

1. Entendemos, reconhecemos como certas e válidas as razões, os feitos e os argumentos que obrigam-nos a nos pronunciar- nos diante dos descumprimentos e da traição ao acordo de paz com as FARC-EP por parte do governo e do Estado Colombiano
2. É razoável, portanto, que se resguardem e se reagrupem como organização e que se mantenham na resistência e na luta armada. Qualquer um que conheça a Colômbia, sua história, suas elites, seu estado, o mal chamado processo de “paz” e o “pós-conflito” e como tudo isso tem implicado em manipulações, mentiras e crimes, entende a racionalidade de sua postura e os argumentos nos quais apoiam a decisão. É razoável, compreensível, sim, mas também é equivocado.
3. O estado colombiano e esse governo, em particular, querem a guerra, a necessitam, a impõem, se beneficiam dela e desde o começo da negociação, passando pela manipulação do referendo para ratificar os acordos, até o dia de hoje sobre o governo de Duque-Uribe, tem buscado servir-se da “paz” para a guerra e a ganância; e agora, querem desfazer-se do acordo para aprofundá-la, justificá-la e entendê-la. O estado colombiano, mais uma vez, e desta vez como nunca antes, será o único beneficiário desta.
4. O estado colombiano fomenta, é cúmplice, participa e se beneficia do narcotráfico, o narcotráfico é uma estratégia integral do Estado e uma política transnacional do poder do capital, que estrutura a fase atual do capitalismo e gera as dinâmicas para a acumulação, a guerra, a desapropriação territorial e a guerra contra o narcotráfico. Tanto o tráfico como a guerra, são duas caras da mesma moeda, dos lados da mesma equação. O propósito estratégico do estado é estender o narcotráfico e a guerra contra o mesmo em todas as partes para, assim, ir estendendo a desapropriação, a expropriação, a exploração e as ganâncias. O estado quer que vocês declarem a guerra para escalar o narcotráfico, o recrutamento de quem deste vive, por quem deste mata e por quem deste lucram. Enquanto uns fazem esta guerra contra o narcotráfico para escalar, assim, a guerra total contra os povos, outros fazem guerras com pretextos políticos para compartilhar as ganancias sobre este

negócio. Sabemos. As evidências e o que tem sido feito nos demonstra isso diariamente. Não nos contaram: sabemos, estamos vivendo. Tudo isso vai aumentar com sua declaração de guerra. Assim espero e quer o Estado.

5. Para vocês o que conta é a negociação, o acordo e o pós-acordo, mas nós, povo colombiano, quem temos sofrido e vivido a guerra, nós não queremos a guerra. É a guerra do estado, a que quer e promove a guerra contra os povos, contra a Colômbia. Assim, fazer a guerra é faze-la, inevitavelmente, contra o povo colombiano; que essa não seja a intenção manifestada. É um objetivo estratégico do poder – e é a única coisa que se pode conseguir: poder. O povo já disse pra vocês e para o Estado. Aqui e hoje, precisamente porque reconhecemos a justiça de seus argumentos e o equívoco de sua decisão, reiteramos: **NÃO QUEREMOS A GUERRA.**

6. Para ninguém é segredo que a guerra na Colômbia tem sido justamente uma guerra contra os povos. Vocês sabem, mas não tem reconhecido, nem assumido sua responsabilidade, tem perdido perdão para algumas de suas vítimas. Sabem que 7 em cada 10 vítimas fatais do conflito armado foram civis não envolvidos no conflito. Esta guerra contra o estado é uma guerra contra os povos, porque não são os povos quem a decidem. Os empurram para declará-la, para aproveitarem-se dela. Assim vocês tem feito desde ante desta decisão, e assim encontram um pretexto ainda mais claro para continuar.

7. Devem reconhecer a profunda debilidade política de suas abordagens e organização, feitos evidentes durante a negociação e o mal chamado pós-conflito. A principal explicação desta complexa debilidade política inegável, é a dinâmica de guerra que é sustentada pela via do terror e da força contra os povos, negando o direito de todas e todos assumirem vocês, com autonomia e liberdade, como nossos sujeitos políticos, sujeitos de nossos sonhos e vidas. O povo está farto que uma minoria com armas imponha sua verdade e seu caminho, passando por cima da gente, nos negando, nos mandando, nos julgando e nos metendo num teatro de desapropriação, terror e morte. Responder ao terror do estado com mais terror, é negar o povo. **NÃO EM NOSSO NOME.** Temos apoiado o fim do conflito e os acordos de paz FARC-Estado para que, por fim, reconheçam nossa voz e nossos direitos, não para que continuem a nos impor, em seus nomes, projetos nunca consultados que não levam a nada, e muito menos para que, com a continuação e profundidade da guerra, voltem a nos negar o direito de existir, decidir, viver, pensar e traçar nosso destino.

Em consequência, e ao reiterar nosso reconhecimento à verdade que assinala e evidencia a guerra e o terror do estado e do poder contra os povos, reconhecemos seu direito à rebeldia, que é nosso, à legítima defesa, que é nosso, e o de se organizar para construir outro país sem donos, que é de todos e todas, não só de alguns.

É um direito do povo, não de nenhum grêmio, poder ou ator armado.

É nosso direito, incluindo vocês, propor, organizar e construir o caminho de nossa liberdade e paz.

A falta de respeito do estado por este nosso direito soberano, não serve para nada de bom, a resposta que vocês os dão, é um pretexto para nos esmagar.

O estado não é o povo colombiano, nem o é quem domina e tem poder.

Vocês sabem que, tão pouco, são vocês.

Por respeito a um país coletivo e sem donos, não declarem guerra contra nós em nosso nome.

Não a autorizamos, não a queremos, não a aceitamos.

Queremos decidir por nós mesmos. Ao menos uma vez, escutem o povo.

Demonstrem que sim, que havia sinceridade no compromisso de vocês com a transformação social e com a democracia e a liberdade. Levantemo-nos junto por um projeto coletivo e organizado, sem armas, pela paz e pela transformação, e não pelo poder.

Por isso, porque rechaçamos a traição que lhes foi feita – a todos e todas – e porque pretendem fazê-la em nosso nome, lhes pedimos para nos respeitar, para ser coerente com seus princípios revolucionários e para parar a guerra, porque não a queremos, não queremos que a deem ao estado e que ele nos submeta a isso.

Lhes propomos, lhes chamamos de imediato à declarar uma trégua indefinida, durante a qual se comprometeram a escutar a voz e a decisão dos movimentos sociais e de todos os atores que desejam organizarem-se de maneira consciente, para decidir pôr um fim definido (1 ano), o caminho a seguir, para nos levantar-nos contra o que está estabelecido, e nos comprometer-nos com um caminho consentido para alcançar a paz com autonomia e dignidade.

A paz dos povos sem donos.

Que esta grave conjectura, que parece sem saída, nos leve, por fim, a nos compreender como povos que, ou nos levantamos em unidade e com nossa própria agenda e força, ou nos fundimos num terror e na cumplicidade. Os chamamos para estar com a gente, e não para nos impor e nos submeter como uma resposta ao Estado.

Não responder a este clamor e a este direito soberano, seria submeter os povos a guerra de Estado, mais uma vez, em nome de uma guerra contra o Estado.

Escutem o povo, não respondam à guerra com mais guerra.

NÃO caiam no papo do Estado; lutemos juntos pela verdadeira paz. Assim, com este gesto poderemos apoiar-lhes e acompanhá-los no caminho para exigir, reciprocamente, sem vanguardas e mandos, o país dos povos sem donos que temos que alcançar. Essa é a única unidade possível. As demais são ordens e ameaças.

NÃO EM NOSSO NOME

Traduzido por Ianca Moreira e Karinny de Magalhães - TeiAtivista (BRA)